



Produção de mídia alternativa por jovens de Lima Duarte (MG): a construção de narrativas, de identidades e o exercício da cidadania¹

Emilia de Mattos MERLINI²

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

A produção de comunicação alternativa oferece a possibilidade de participação na comunidade local sendo um modo de exercício cidadão, além de promover o ato de repensar os próprios conflitos e a própria identidade. Este artigo trata de como essas considerações podem ser observadas no Projeto Jovens Jornalistas de Lima Duarte (MG), onde 14 jovens de escolas públicas produziram, no segundo semestre de 2010, jornal e *blog* por meio da metodologia de educomunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Cidadania; comunicação; educomunicação, produção.

Introdução

O presente artigo defende a importância da produção de comunicação para dar visibilidade a discursos e narrativas locais, promovendo o exercício da cidadania e a reflexão sobre assuntos que envolvem as comunidades em seu cotidiano. Apresenta ainda o trabalho realizado com jovens de Lima Duarte (MG) que produziram jornal e *blog*³ através da metodologia de educomunicação.

A relação das narrativas produzidas pela mídia com as identidades, a imaginação e o exercício da cidadania é outro aspecto abordado pelo artigo, que apresenta ainda pontos em que o projeto Jovens Jornalistas, realizado em Lima Duarte (MG), com 14 jovens, pode ser pensado levando em conta essas questões.

Em um momento em que os estados-nação estão enfraquecidos e as identidades fragmentadas e inconstantes, as narrativas que circulam na sociedade são as bases para a criação das identidades, uma vez que, segundo os Estudos Culturais, a identidade é uma produção discursiva⁴ construída a partir de interações com o meio ambiente, a partir da prática social e da interação com as diversas narrativas disponíveis aos sujeitos. São as mesmas práticas discursivas que possibilitam às pessoas imaginar, imaginar inclusive outros mundos possíveis, além de soluções para os desafios com os quais se deparam em seu dia a dia.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, email: emiliamerlini@uol.com.br.

³ <http://blogjovensjornalistas.blogspot.com/>.

⁴ Práticas discursivas, produção discursiva, narrativas e discursos serão utilizados como sinônimos.



No entanto, a produção de mensagens fica, em grande medida, restrita a grupos hegemônicos que detêm capital financeiro e conhecimentos para operar as ferramentas tecnológicas. Desta forma, a diversidade narrativa diminui, assim como a imaginação e a possibilidade de encontrar soluções para questões locais.

Gonzáles, Silva, Soares e Mário Kaplún ressaltam a importância das comunidades produzirem comunicação e os benefícios que essa atividade traz para a compreensão de seu lugar, a construção de sua história e de suas identidades. Apontam, que não basta denunciar as desigualdades ou denunciar que narrativas produzidas por atores minoritários geralmente são distorcidas ou não têm espaço na grande mídia. É importante produzir uma alternativa à realidade que é denunciada, sendo “a mudança que queremos ver no mundo” (Maratma Gandhi⁵).

Identidades, produção e circulação de discursos e cidadania

Atualmente, o mundo experimenta uma nova ordem, fruto do fim da Guerra Fria e da antiga divisão do planeta entre dois blocos de poder. Segundo Bauman (1999), as organizações transnacionais são hoje responsáveis por acelerar exclusões, enquanto os estados-nação se enfraquecem.

O Estado, que antes ditava normas e fornecia narrativas da nação importantes para a formação das identidades, tornou-se um “mero serviço de segurança para as mega-empresas” (BAUMAN, 1999, p. 74), administra seus negócios e não deve interferir na economia sob pena de graves punições. Assim, a dominação consiste em dar mais liberdade ao dominante e restringir a liberdade dos dominados (Idem).

Com a globalização e a circulação de mercadorias, informações e tecnologias, Hall (2002) indica que a identidade do sujeito pós-moderno torna-se fragmentada, múltipla e, muitas vezes, contraditória ou não-resolvida. A identidade não é unificada através de um eu coerente e se há a sensação de possuir uma identidade unificada esta se deve à construção de uma “cômoda narrativa do eu” (HALL, 2002, p. 13).

Diante desse contexto e do fluxo contínuo de informações, “as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz das informações recebidas sobre aquelas próprias práticas, alterando assim, constitutivamente seu caráter” (GIDDENS apud HALL, 2002, p. 15). Sob essa perspectiva, a identidade é um fenômeno simbólico que aflora da construção social da realidade e se efetiva na vida cotidiana (SILVEIRA,

⁵ http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio_ambiente/umapaz/galeria_de_retratos/index.php?p=7325



2002). Portanto, modificações nas práticas sociais geram mudanças nas identidades e vice-versa. Como diria Marx (apud FROMM, 1979), ao construir o mundo, o homem constrói a si mesmo.

Portanto, com a prática social e a intervenção na sociedade, o homem constrói sua história e exerce a cidadania:

a prática cidadã nomeia não só o exercício de deveres e direitos dos indivíduos em relação ao Estado, mas um modo específico de aparição dos indivíduos no espaço público caracterizado por sua capacidade de constituírem-se em sujeitos de demanda e proposição a respeito de diversos âmbitos vinculados com sua experiência. Ou seja, por sua capacidade de intervir no espaço público tratando de reverter essas apropriações de direitos e possibilidades⁶ (MATA, 2006, p. 8).

Assim, as narrativas, as identidades e a cidadania estão intrinsecamente relacionadas. Como grandes produtores e propagadores de informações e discursos, os meios de comunicação de massa (MCM) tornam-se matéria-prima para os sentidos que as pessoas atribuem ao mundo e a si próprias.

Para Gilka Girardello (1999), que trata da relação entre infância e mídia, é importante que a sociedade ofereça múltiplas narrativas para a constituição dos sujeitos. Esta seria uma das maneiras de se promover a imaginação, tão importante para as crianças e adultos e imprescindível para a sociedade atual que necessita encontrar soluções novas e criativas para solucionar desigualdades e inúmeros outros desafios.

Assim, “quanto mais histórias estiverem sendo contadas, ou contadas por mais pessoas, maiores as possibilidades de recriação, maior a vitalidade narrativa da cultura e, portanto, maior sua vitalidade imaginativa” (GIRARDELLO, 1999, p. 5). Lembramos que essas narrativas são ingredientes para a imaginação e para as identidades, das quais falávamos no início desse texto.

Mas a diversidade narrativa, de certo modo, está longe de ser alcançada pela sociedade contemporânea. Segundo Fuser (2008), a intensidade da presença dos meios em nossas vidas não significa que sua produção seja realizada por diferentes atores sociais, muito pelo contrário, sua produção é bastante concentrada tanto quando se trata de internet – meio um pouco mais democrático com relação à produção de conteúdo – quanto dos demais.

A essa discussão Silva (2005), acrescenta que toda sociedade, ditatorial ou não, busca controlar os discursos. Nas democracias isso acontece através do monopólio das

⁶ Tradução minha.



“agências discursivas” (meios de comunicação, meio acadêmico, meio empresarial, meio artístico, indústria cinematográfica) que são operadas por grupos hegemônicos.

Silva (2005) criou o conceito de “Agência discursiva” a partir da “agência” de Homi Bhabha, onde indivíduos que são sujeitos da ação e do discurso são também atores políticos. Com “agência discursiva” o autor se refere aos lugares onde os diferentes atores sociais podem produzir discursos e de onde podem difundi-los na defesa de suas posições.

Para o autor, as elites tentam ocultar os sentidos que grupos minoritários⁷ atribuem aos diversos signos da cultura. Desta forma, aponta que não basta denunciar esse tipo de atitude é preciso participar do jogo rompendo a blindagem das “agências discursivas” ou criando agências alternativas que tragam à tona os sentidos excluídos.

A produção de veículos de comunicação por grupos minoritários seria uma forma alternativa de trazer à tona sentidos importantes para as comunidades, que muitas vezes não vêem suas preocupações e valores representados pelos MCM.

Silva (2005) acrescenta que é importante conhecer o emissor dos discursos, suas motivações e interesses. O discurso de poder é caracterizado como aquele que embute o erro e a culpa em quem o recebe. Um bom exemplo é o da violência nas escolas, onde a culpa costuma ser dos alunos, dos seus pais, dos professores. Qual agente estaria oculto nos discursos que inferem essa culpa?

Um tipo de agência alternativa que dá voz aos excluídos (SILVA, 2005) é a rádio comunitária e podemos acrescentar aí os outros veículos de comunicação alternativos, incluindo os *blogs* pessoais. Porém, através deles grupos excluídos falam para si mesmos, enquanto que por meio de outras agências discursivas as elites falam para todos. Deste modo, quando as elites dizem o que é bom para os excluídos, podem estar dizendo o que é bom para elas próprias, explica o autor.

Ouvir a voz aos grupos minoritários não significa excluir outras vozes, mas incluí-las entre as múltiplas narrativas produzidas pelos diversos atores que observam, vivem e criam seus sentidos para o tempo presente.

Jorge A. Gonzáles (2008) ressalta que há uma relação intensa entre significados, normas e poder. Sendo que os centros que atraem o capital financeiro, ou seja, as grandes cidades, são os que geram informações e imagens mediadas tecnologicamente. Estas imagens promovem elaborações discursivas e simbólicas que narram os rumos,

⁷ Minoritário não diz respeito à quantidade, mas à posição subalterna em relação à hegemonia.



ditam valores e o significado histórico da memória social, das definições da situação presente, a concretude, a densidade e a possibilidade de outros mundos possíveis.

Assim, algumas das imagens ou mitos produzidos pelo neoliberalismo hoje (KAPLÚN, 2007) são o da natureza humana individualista e possessiva, e o da tolerância e da diversidade. Segundo Kaplún (2007), esses mitos são trabalhados política e ideologicamente de modo sistemático visando a combater valores como a solidariedade e a vida comunitária, e limitar outros modos de ser e de atuar, taxando-os como fora da realidade. É o caso dos modos de vida de muitos camponeses latino-americanos, especialmente dos indígenas.

Desse modo, a importância da produção de uma comunicação alternativa, com outros valores, imagens e formas de atuação cidadã torna-se fundamental. Para isso Gonzáles (2008) aponta a necessidade das comunidades assumirem processos de pesquisa-ação e pesquisa participante para se organizarem como comunidades emergentes de conhecimento local e gerarem seus próprios sistemas de informação, de comunicação e de conhecimento, fazendo frente a problemas relevantes que as afetem.

“Aprender as mídias (...) é uma competência básica para o exercício da cidadania” (GONNET, 2004, p. 10). A questão não é a de defender as crianças e jovens dos males das mídias, mas a de “como as mídias poderiam preparar as crianças mais efetivamente para as responsabilidades da cidadania adulta – ou como habilitá-las a intervir nas decisões políticas que governam a sua vida de criança” (BUCKINGHAM, 2007, p. 245)

No documento oficial elaborado pelos jovens participantes da 4ª Cúpula Mundial de Mídia para as Crianças e Adolescentes, em 2004, com patrocínio da Unicef, está a conclusão de que “mídia de qualidade é a que nós, jovens, produzimos, ou aquela que os adultos produzem conosco” (SOARES, 2011, p. 31).

Segundo Soares (2011), a participação de crianças e jovens no processo de produção midiática traz como consequência a busca por possibilidades de produção de sua cultura, de realização de sonhos cotidianos, da transformação da realidade local e o interesse em participar de uma sociedade mais justa e democrática. Ao mesmo tempo em que a participação leva ao maior conhecimento e interesse pela comunidade local.

Além do que já foi dito sobre a importância das narrativas para a construção identitária, a imaginação e a criação de soluções para os nossos desafios, o jornalista Fernando Rosseti acrescenta que nos projetos educacionais:



os jovens ampliam ainda mais o vocabulário e o seu repertório cultural; aumentam suas habilidades de comunicação; desenvolvem competências para o trabalho em grupo, para negociação de conflitos e para planejamento de projetos. Melhoram, por outro lado, o desempenho escolar entre outros ganhos. Além disso, a partir dessa participação surgem grêmios estudantis, cooperativas de trabalho, grupos juvenis de intervenção comunitária e periódicos (ROSSETI apud SOARES, 2011, p. 31).

Deste modo, produzir uma comunicação alternativa à dos MCM contribui para a expressão de subjetividades, identidades, o conhecimento da realidade e o exercício da cidadania. Mesmo com boa vontade, a grande mídia não seria capaz de promover plenamente esses pontos na medida em que, como observam Silva e Gonzáles, sua produção está concentrada nos grandes centros urbanos detentores de capital financeiro e tecnológico, não sendo possível conhecer as especificidades das realidades locais e das cotidianidades vividas pela diversidade de pessoas em seu território.

Jovens Jornalistas

Feitas essas considerações, podemos discutir e analisar parte dos resultados do projeto Jovens Jornalistas, realizado no segundo semestre de 2010 com 14 jovens (três do sexo masculino e os demais, do feminino), em idade de 14 a 17 anos, na cidade de Lima Duarte (MG). Os jovens cursavam o 1º ano do Ensino Médio de escolas públicas e fizeram parte da oficina de produção de jornal e *blog*. O projeto utilizou a metodologia de educomunicação e todos puderam participar das decisões e do processo de produção.

No final do semestre, foi criado um *blog*⁸ e um jornal em preto e branco, com capa em três cores, de oito páginas, e circulação de 1000 exemplares, em uma edição. Sendo possível verificar aspectos em que o projeto se relacionou com as identidades dos participantes e possibilitou um maior conhecimento e participação em suas comunidades, essencial para o exercício da cidadania.

Metodologia

A educomunicação é definida pelo professor Soares, coordenador do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo, como:

O conceito refere-se a um campo emergente de intervenção social, ou seja, ao conjunto das ações próprias de programas que promovem o planejamento, a implementação e a avaliação de processos e produtos, criando e fortalecendo ecossistemas comunicativos abertos, democráticos e participativos em espaços

⁸ <http://blogjovensjornalistas.blogspot.com/>



educativos, presenciais ou mesmo virtuais, tendo como conseqüência a melhoria do coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo, neste contexto, as relacionadas com o uso dos recursos da informação nos processos de aprendizagem. No caso, tais ações têm como fundamento a realidade das mediações culturais protagonizadas historicamente pelos sujeitos sociais, pressupondo a intencionalidade educativa do uso das tecnologias, a metodologia da ação colaborativa e a meta do pleno exercício da liberdade de expressão dos atores sociais (SOARES, 2009, p. 115).

A oficina começou com um encontro semanal de três horas e intervalo de 20 minutos para a merenda, sendo estendido para duas vezes por semana, no início de outubro, a pedido dos participantes. A cada três encontros, o quarto era realizado no laboratório de informática de uma das escolas parceiras.

A metodologia empregada buscou valorizar a participação dos envolvidos em todas as etapas do processo e nas tomadas de decisão, favorecendo seu protagonismo, apropriação dos produtos desenvolvidos e seu empoderamento. Desta forma, o processo de trabalho foi tão importante quanto os produtos finais e os conflitos não foram ignorados, mas trabalhados em grupo, com mediação da facilitadora do projeto.

Como instrumentos de coordenação foram utilizados listas de presença, diários de campo, aulas na disposição de roda, avaliações diárias também em roda, questionários de auto-avaliação e dinâmicas de grupo cujos resultados nortearão modificações para o próximo módulo da oficina. O projeto será objeto de mestrado e ampliado para duas turmas, uma na zona urbana e outra na rural, compostas por 20 jovens, com mais 20 fazendo parte de um Conselho Editorial, em um total de 60 jovens.

Objetivos da Atividade

O objetivo principal foi criar um espaço para os jovens discutirem sobre sua realidade, cultura e costumes, promovendo a troca de informações entre eles e o exercício da cidadania – por meio de uma maior consciência de si e de seu entorno. Também buscou-se fortalecer o protagonismo e a auto-estima dos participantes, através da publicação de seus textos, matérias e da distribuição desses em suas e em outras comunidades; a melhoria de seus conhecimentos da Língua Portuguesa⁹, das habilidades de comunicação, de trabalho em grupo e de organização; um melhor entendimento dos processos de produção e edição de notícias dos MCM, de modo a promover uma leitura

⁹ O Simave 2009 – Sistema Mineiro de Avaliação da Educação Pública – indicou que poucos alunos do terceiro ano do ensino médio da Escola Estadual Adalgisa de Paula Duque (onde estuda a maioria dos participantes do projeto Jovens Jornalistas) alcançaram o nível recomendado de proficiência em Língua Portuguesa e Matemática, respectivamente 24,37% e 4,72%.



mais crítica da mídia; a cooperação ao invés da competição; além da inclusão digital com as aulas de informática.

Relação com as identidades

Um dos garotos que possuía dificuldades de interação com o grupo da oficina e também na escola propôs uma matéria sobre questões psicológicas enfrentadas pelos jovens. Ele entrevistou duas psicanalistas: uma professora da Universidade Federal de Juiz de Fora e outra do CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) de Lima Duarte. Após a realização das entrevistas, ele disse: “a entrevista foi ótima, passei até a me entender melhor”.

É geralmente antes dos 15 anos de idade que os jovens tomam consciência da complexidade do mundo e de sua própria complexidade:

Trata-se de uma idade propícia para a tomada da consciência das estratégias das mídias, para melhor avaliar sua situação de consumidor, mas também de ator potencial, desde o instante em que sejam implementados projetos de diálogo como um jornal, uma estação de rádio ou de televisão. É importante notar que inúmeros exemplos já existem nesse sentido e que eles revelam o interesse muito vivo que esses trabalhos suscitam nos alunos. Não poderíamos formular a hipótese de que através de tais explorações o adolescente encontraria meios privilegiados de negociar alguns de seus próprios conflitos? (GONNET, 2004, p. 54)

Mas as instituições civis (escola, família, mercado de trabalho) tratam os jovens de modo infantil enquanto eles já são psíquica e socialmente capazes de agir como adultos, é o que indica o guia de educação para as mídias da Bélgica¹⁰ (Gonnet, 2004). Com esta capacidade os adolescentes têm competência para participar dos problemas da vida contemporânea, sendo que a educação para as mídias “se confunde insensivelmente com a formação permanente, desejável para todo cidadão” (Idem, p. 54).

Desta forma o depoimento do jovem vem de certa forma afirmar o que é dito por Gonnet quando indica que esse tipo de produção permite ao jovem “negociar alguns de seus próprios conflitos” (Idem). Acrescentamos que permite negociar também a própria identidade a partir da maior compreensão de sua subjetividade e seu entorno.

Outra questão é sobre a zona rural e sua relação com as identidades dos jovens. Lima Duarte é um município de 16 mil habitantes que vive da produção de derivados de leite e do turismo. Faz parte do Circuito Turístico Serras de Ibitipoca¹¹ e tem sua zona urbana circundada pela zona rural que possui grande extensão territorial.

¹⁰ BAUDOIN, Foundation Roi-. *L'Éducation à audiovisuel et aux médias*. Bélgica: Foundation Roi- Baudoin, 1996.

¹¹ <http://www.circuitoserrasdeibitipoca.com.br/>

Em setembro de 2010 o projeto *Cine Sesi Cultural* exibiu filmes no calçadão do centro da cidade. Em um dos encontros da oficina de jornalismo, jovens reclamaram porque na abertura do *Cine Sesi* havia a imagem de uma família e um boi (figura 1, abaixo): “Não gostamos que tinha uma vaca no início, junto com a família. Pra que eles colocaram uma vaca na apresentação? Eles acham que aqui é roça?! O que eles pensam da gente?”.



Figura 1: Imagem de abertura do Cine Sesi Cultural.

Esse assunto investigado mais profundamente na próxima edição da oficina, mas podemos questionar por que a imagem de um boi os ofende? Foi possível perceber que eles associaram sua identidade à imagem e não gostaram. Em outra situação em que jovens pegaram carona com a facilitadora para ir à oficina, havia uma carroça puxada por cavalos na rua e a I. disse: “só aqui em Lima Duarte pra ter carroça na rua mesmo. A Emilia [facilitadora] vem de São Paulo... não repara não, tá?”.

E ainda sobre essa questão, em um dos encontros foi solicitado que escrevessem um sonho individual e outro coletivo – que abrangesse ao menos Lima Duarte. Muitos disseram querer entrar na faculdade, em algum curso de seu interesse, e se realizar na profissão. Chamou a atenção o depoimento de T., para ele Lima Duarte deveria ter muitas empresas, virar uma cidade grande e oferecer muitos empregos:

Sonho que grandes empresas, empresas multinacionais se estabeleçam aqui em Lima Duarte e criem muitos empregos para nós. Eu acho que, se estabelecer empresas, Lima Duarte se tornará um centro comercial, pois se vierem empresas, também vão vir comércio como mercados, lojas, bancos, cinemas, enfim, se tornará uma grande cidade.

Na aula seguinte foi apresentada a possibilidade de financiamentos de projetos com e sem fins lucrativos e distribuída a todos uma cartilha sobre como desenvolvê-los (teremos um módulo sobre projetos na próxima edição). A questão que fica é: que tipo de ideia têm sobre a zona rural? Por que é ruim ter cavalos na rua e bois na apresentação

de cinema? Para alguém com outro ponto de vista aquilo poderia representar uma maior possibilidade de contato com a natureza ou mais tranquilidade, por exemplo.

Enquanto isso, Sauer (2010) observa que a ideia de modernidade sempre se opôs à de tradição e aos locais que a representam, como o campo, a terra e o território. Desde Aristóteles a cidade é associada à modernidade e aos seus ideais de liberdade e autonomia, capazes de formar sujeitos protagonistas da história: “a cidade é uma criação natural, e o homem é por natureza um animal social, e um homem que por natureza não fizesse parte de cidade alguma, seria desprezível ou estaria acima da humanidade” (ARISTÓTELES apud SAUER, 2010, p. 20).

Mas liberdade e melhores condições de vida não é exatamente o que se alcança quando enormes contingentes populacionais migram para as cidades no mundo todo, muitas vezes, inchando as favelas e se deparando com condições de vida precárias. Além de irradiar ciência, produtos e tecnologia, as cidades irradiam também valores identitários e culturais reforçando a dicotomia entre campo e cidade:

A própria cultura de massa, agilizada pela indústria cultural, retrabalha continuamente a nostalgia da utopia bucólica. Tanto pasteuriza como canibaliza elementos presentes e pretéritos, reais e imaginários do mundo agrário. Reinventa o campo, *country*, *campagna*, *champ*, sertão, deserto, serra, montanha, rio, lago, verde, ecologia, meio ambiente, e outras formações parecidas no imaginário de muitos como sucedâneos da utopia do paraíso. (IANNI apud SAUER, 2010, p. 28)

Um dos mitos da modernidade seria, portanto “a crença na igualdade sócio-econômica e do sucesso nos grandes centros urbanos ditos desenvolvidos, a qual reforça a exclusão do rural e do campo das análises teóricas e definições de progresso e de desenvolvimento econômico” (Idem, p. 31).

Esse processo, que se iniciou na década de 30 no Brasil e continua a acontecer, em menor escala, nos dias de hoje, possuía no início “‘um clima mental’ distinto do predominante em áreas não-urbanas, portanto o desenvolvimento de uma urbanização implica a assimilação desse ‘clima’ por populações rurais que se deslocam para a cidade” (LOPES, 2009, p. 21). Os MCM são os principais difusores dessas ideias e promovem a “socialização antecipada” (Idem) dos que chegam à nova realidade.

Deste modo fica mais claro perceber o porquê da rejeição dos jovens a aspectos de seu cotidiano que podem associar sua identidade à ruralidade e ao campo, mesmo que isso possa parecer contraditório ao verificar que a maior parte de suas famílias veio



do campo e que há um grande incentivo do governo de Minas Gerais ao turismo rural, que busca valorizar e atrair investimentos para a região.

Ao apresentar a opção por construir projetos buscou-se que os participantes visualizassem uma opção para atuar em seu lugar, que tenha a ver com seus interesses e gostos pessoais. Há questões que permanecem em aberto, como a efetividade da apropriação da proposta de realização de projetos e se é possível alguma mudança de percepção por parte dos jovens que os permita refletir sobre sua identidade em relação à zona rural. Esse ponto será abordado na próxima edição da oficina de jornalismo.

Relação com a comunidade

Uma das pautas sugeridas foi sobre bandas. A primeira proposta foi escrever sobre a banda Restart ou o cantor Luan Santana. E os jovens se perguntaram sobre o que os fãs ainda não sabiam a respeito desses músicos que os Jovens Jornalistas pudessem acrescentar. Surgiu então a ideia de falar sobre as bandas da cidade e um dos participantes disse “as bandas daqui são chatas, elas não sabem tocar direito, não sabem nem falar, como eles querem ter banda?”.

Debatemos sobre o que seria falar certo e errado, a importância de adaptarmos a linguagem a cada situação, sobre quem inventou o que era falar certo, sobre o direito constitucional à voz, sobre como poderiam dizer que as bandas não prestavam se eles não as conheciam, que existem bons artistas que não estão na TV e artistas ruins que lá aparecem, e sobre o final do livro “Dos meios às mediações”, onde Barbero (2003) descreve situação semelhante vivida por mulheres do Peru, que ouvem que não sabem falar e decidem continuar falando para aprenderem e se defenderem na sociedade.

Ao final, os jovens concluíram que conheciam mais as bandas da MTV que as da cidade e que a matéria seria sobre as bandas da cidade. A M. foi então atrás de saber quem eram elas, como foram constituídas, que instrumentos tocavam e onde costumavam se apresentar. Descobriu que a cidade estava abrindo um edital de cultura e que elas poderiam aproveitar a oportunidade para requererem seus registros. Essa pauta foi muito interessante porque possibilitou a reconstrução do significado do que é saber falar, a não repetição de uma pauta explorada pela mídia e a descoberta sobre a produção da cidade, possibilitando outra reflexão sobre sua comunidade.

Trata também do relacionamento com a comunidade o depoimento de M.: “Foi difícil, mas eu gostei mais de escrever, porque os outros iam ler uma coisa feita por mim e isso valoriza a nossa auto-estima”. Onde a auto-estima pode ser entendida como o



reconhecimento de outros sobre sua produção e, portanto, o de fortalecimento de vínculos comunitários, além da identidade.

Pautas

Cada jovem sugeriu pautas que tinham a ver com seus interesses: aquele que gostava de informática falou sobre a importância do acesso à internet e como era esse acesso em Lima Duarte: concentrado no centro da cidade, havendo poucas *lan houses* ou sinal de internet nos bairros mais afastados e praticamente nenhuma possibilidade de acesso na zona rural. Disse ainda que estava prevista a criação de um Telecentro na cidade, sendo que a prefeitura já havia recebido todos os equipamentos e faltava apenas alugar uma sala. Os jovens disseram que essa matéria era “a cara dele”!

A garota que gostava de vôlei escreveu que “Esporte não é só futebol” e questionou o incentivo que a Prefeitura dava ao futebol comparando à falta de apoio a outros esportes, como o xadrez, o pingue-pong, o vôlei e o handebol. Contou sobre o professor de uma das escolas que treinava jovens em outras modalidades de esporte, sem apoio algum, e que levava participantes para os campeonatos estaduais já tendo conquistado várias medalhas para a cidade. Sabendo da criação de um edital de incentivo à cultura, “descoberto” por M. na matéria sobre bandas, propôs a criação de um edital para incentivar os esportes.

Aqueles que gostavam de ler entrevistaram a bibliotecária da escola sobre “A importância da leitura para a vida” e questionaram por que as séries preferidas pelos jovens eram as internacionais, como a saga Crepúsculo. Fizeram também uma matéria sobre filmes e entrevistaram pessoas nas ruas para saber quais eram seus gêneros preferidos, ganhou romance. Também conversaram o atendente da única locadora da cidade e contaram quais eram os filmes mais alugados no momento.

A jovem que havia tido anorexia escreveu que a busca pelo corpo perfeito pode gerar doenças e questionou o ideal de beleza divulgado pela grande mídia. Duas garotas fizeram também uma matéria sobre sexualidade na adolescência. Elas entrevistaram profissionais a respeito de como se prevenir de doenças, de uma gravidez indesejada e como os jovens podiam conseguir preservativos e anticoncepcionais gratuitamente.

Visitaram a gráfica da cidade, a TV Panorama de Juiz de Fora (afiliada da Rede Globo) e o jornal JFHoje, também de Juiz de Fora. A matéria da gráfica foi escrita pela facilitadora, a pedido dos jovens e a da visita à TV e ao jornal foi escrita por uma das jovens. Ela entrevistou jornalistas da redação, do estúdio e contou sua experiência ao



apresentar para os Jovens Jornalistas o MGTV 1ª Edição usando o *teleprompter*. Eles ficaram maravilhados com a experiência!

Houve ainda uma matéria sobre a tradicional gincana da cidade, onde participam crianças, jovens, adultos e idosos há 20 anos. Eles entrevistaram representantes de cada uma das equipes sobre o que achavam da gincana e o que os movia a participar, além de descrever as provas que foram destaque em sua opinião.

Elegeram para publicação um texto literário escrito por um de seus colegas que não participava da oficina. Houve ainda a publicação das matérias já relatadas sobre as bandas da cidade e sobre as questões psicológicas enfrentadas pelos jovens.

O *blog* foi criado por uma das jovens, já que havia grande diferença entre o conhecimento tecnológico dos participantes. Vários possuíam *blogs*, *twitters*, *emails*, *MSNs* e faziam parte das redes sociais, enquanto outros nunca haviam ligado o computador. Os mais habilidosos não ajudaram os menos experientes, apesar da solicitação da facilitadora. Ficavam encantados utilizando os computadores. Desse modo, as aulas de informática serviram mais para pesquisas sobre as pautas, para conhecer outros veículos de mídia alternativa e dar oportunidade de acesso aos que tinham poucos conhecimentos de informática.

As matérias descritas mostram sua relação com a identidade de cada aluno e com questões de seu lugar, as quais dificilmente seriam abordadas pela grande mídia com o enfoque que tiveram. A matéria sobre a busca do corpo perfeito não deu dicas de dieta e beleza como de costume, mas questionou essas abordagens e mostrou o quanto elas podem ser prejudiciais para a saúde.

O processo de produção do jornal e do *blog* possibilitou que eles também conquistassem um maior senso crítico com relação aos MCM: “Percebemos que no jornalismo pode haver manipulação na hora de editar as matérias”;

O curso foi uma experiência muito boa, melhoramos nossa escrita, aprendemos sobre o que a gente vê e não vê na mídia, sobre seu funcionamento. Pudemos expressar um pouco do que pensamos, falar o que queríamos, mas sabendo que não podemos falar algo de que não temos certeza, ou enrolar demais na escrita... Independentemente do caminho que vamos seguir, o curso foi muito útil e acreditamos que nos abrirá portas.

Gonnet (2004) ressalta o “interesse muito vivo que esses trabalhos suscitam nos alunos” (GONNET, 2004, p. 54), fato que podemos verificar com a satisfação que expressaram sobre o trabalho: “fui pra aula achando que ia ser um saco, mas adorei”;



“eu gostei da possibilidade de todos falarem, isso nos aproxima muito”; “dessa forma você ficou como uma amiga nossa, não só como uma professora”;

Fazer as entrevistas também foi bom, elaboramos as perguntas e foi legal ver o que os entrevistados responderam. Fomos meio sem graça de entrevistá-los, mas eles trataram a gente super bem, falaram que podíamos ir lá de novo se precisássemos de mais alguma coisa.

Os jovens do projeto foram convidados para fazer parte da Revista Viração¹², que é escrita por jovens de todo o Brasil através de Conselhos que contam com a facilitação de um adulto. A revista tem oito anos e utiliza a metodologia de educomunicação. Quatro Jovens Jornalistas aceitaram a proposta e já escreveram três matérias para a publicação¹³.

Considerações provisórias

Gonnet (2004) aponta que diante da produção de mídia alternativa os jovens podem negociar seus próprios conflitos o que parece ter sido um dos resultados da experiência dos Jovens Jornalistas. Outros resultados foram: a interação com outras pessoas de sua comunidade, possibilitada pelas entrevistas e pesquisas sobre as pautas, um maior conhecimento sobre a realidade local, como aconteceu com a “descoberta” das bandas da cidade e do edital de cultura; além de outros pontos que eram objetivo suscitar, como o trabalho em grupo e a cooperação entre os participantes.

A produção de comunicação por atores locais, a partir do momento em que passam a conhecer seu território e refletir sobre questões de seu interesse, promovem novas construções identitárias, possibilitam uma maior consciência do seu entorno e uma atuação mais consciente e cidadã. Produzir mídia alternativa não significa abolir o contato com os discursos produzidos pelos MCM, mas aumentar a diversidade discursiva presente nas vidas das pessoas que participam desses processos, assim como a possibilidade de imaginar e propor soluções criativas para seus desafios cotidianos.

Referências bibliográficas

BARBERO, J. M. **Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFJF, 2003.

¹² www.viracao.org

¹³ Confira as matérias em <http://www.viracao.org/revista.htm>: edição de número 71, matéria “Fruto que se colhe”; número 72, “Pão de queijo: delícia mineira”; e número 75, matéria para a seção Manda Vê, quando entrevistaram jovens fazendo a seguinte pergunta: “Como você acha que a mídia interfere nas escolhas, cultura e na violência?”



- BAUMAN, Z. **Globalização: As conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BUCKINGHAM, D.. Crescer na era das mídias eletrônicas. São Paulo: Loyola, 2007.
- FUSER, B.. Sociedade em rede: perspectivas de poder no espaço virtual. In: LAHNI, C. R. e PINHEIRO, M. A. (Org). **Sociedade e Comunicação: Perspectivas Contemporâneas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008. p. 177-192.
- GIRARDELLO, G.. **A Imaginação Infantil e as Histórias da TV**. Texto apresentado na I Jornada de Debates sobre Mídia e Imaginário Infantil, 1999. Disponível em: <<http://www.nica.ufsc.br/wp-content/uploads/2010/01/A-imaginacao-da-infantil-e-as-historias-da-tv.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2011.
- GONZÁLES, J. A. Digitalizados por decreto. Ciberkultur@: inclusão forçada na América Latina. **Matrizes** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, São Paulo, ano 2, n. 1, p. 113-135, 2008.
- GONNET, Jacques. **Educação e mídias**. São Paulo: Loyola, 2004.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- KAPLÚN, M.. Entre mitos e desejos: desconstruir e reconstruir o desenvolvimento, a sociedade civil e a comunicação comunitária. In: PAIVA, Raquel (Org.). **O retorno da comunidade, os novos caminhos do social**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 167-194.
- LOPES, M. I. V. **Pesquisa em comunicação**. 9. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- MARX, K.. Manuscritos econômicos e filosóficos. (Primeiro Manuscrito: Trabalho alienado). In: FROMM, Erich. **Conceito marxista do homem**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 89-102.
- MATA, M. C.. Comunicación y ciudadanía: problemas teórico-políticos de su articulación. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos** – UNISINOS, v. 8, n. 1, 2006. p. 5-15.
- SAUER, S.. **Terra e Modernidade: a reinvenção do campo brasileiro**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- SILVA, J. da. **Violência e identidade social: Um estudo comparativo sobre a atuação policial em duas comunidades no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UERJ / PPCIS, 2005, p. 165-78.
- SILVEIRA, B. A. de A.. **A materialização midiática da brasilidade: A cobertura do Jornal Nacional sobre a seleção de futebol e a narrativa da identidade brasileira**. 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.
- SOARES, I. de O.. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação – Contribuições para a reforma do ensino médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.